

Edição especial fim de ano

UROLOGIA actual

Jornal da



Associação
Portuguesa
de Urologia

Dezembro 2010

Distribuição gratuita

www.apurologia.pt

XI Simpósio da APU registou número recorde de participantes



A participação activa dos 280 inscritos (um número recorde) no XI Simpósio da Associação Portuguesa de Urologia contribuiu, decisivamente, para a sua qualidade científica. Entre os dias 12 e 14 de Novembro passado, o Grande Real Santa Eulália Hotel, em Albufeira, foi palco de «sessões

muito participadas, com salas cheias e a discussão prolongou-se nos corredores», como salienta a Direcção da APU. Para abordar o tema central – «Oncologia Urológica» – falou-se de cancro da próstata, linfadenectomia, laparoscopia, entre outros assuntos de relevo para a prática clínica. **P. 8**

Novos livros dos urologistas

Os livros *Coisas da Medicina*, de Alfredo Mota; *Transplantação de Órgãos Abdominais em Coimbra*, de Linhares Furtado; e *Urologia Fundamental na Prática Clínica*, coordenado por José Santos Dias, foram apresentados no XI Simpósio. **P. 6**

Congresso da APNUG 2010

Rescaldo do VII Congresso da Associação Portuguesa de Neuro-Urologia e Uroginecologia, decorrido em Novembro, que reuniu quase 300 participantes e contou com a apresentação de cerca de 150 trabalhos de qualidade. **P. 15**



8.

Ruben Viegas

Órgãos da Associação Portuguesa de Urologia 2009/2011

CONSELHO DIRECTIVO

Presidente: Tomé Lopes (Lisboa)
Vice-presidente: Arnaldo Figueiredo (Coimbra)
Secretário-geral: Luís Abranches Monteiro (Lisboa)
Tesoureiro: Carlos Silva (Porto)
Vogais: Miguel Ramos (Porto), Paulo Temido (Coimbra) e João Varregoso (Lisboa)
Vogais suplentes: Fortunato Barros (Lisboa), Mário Cerqueira (Porto) e Belmiro Parada (Coimbra)

ASSEMBLEIA-GERAL:

Presidente: Francisco Rolo (Coimbra)
Vogais: Francisco Carrasquinho (Lisboa) e Avelino Fraga (Porto)
Vogais suplentes: José Carlos Amaral (Vila Nova de Gaia) e Rui Prisco (Matosinhos)

CONSELHO FISCAL

Presidente: Vaz Santos (Lisboa)
Vogais: Quinideo Correia (Funchal) e Amílcar Sismeiro (Coimbra)
Vogais suplentes: Carlos Jesus (Barreiro) e Pedro Soares (Almada)

CONSELHO CONSULTIVO

Presidente: Tomé Lopes (actual presidente da APU)
Vogais: Francisco Rolo (presidente da APU 2005-2008); Manuel Mendes Silva (presidente da APU 2001-2004); Adriano Pimenta (presidente da APU 1997-2000) e Joshua Ruah (presidente da APU 1993-1996).

- ➔ **APU em Análise** 4. Resumo das actividades desde o início do mandato da actual Direcção da Associação Portuguesa de Urologia, que tem apostado na formação e na comunicação
- ➔ **Lançamentos** 6. *Coisas da Medicina, Transplantação de Órgãos Abdominais em Coimbra* e *Urologia Fundamental na Prática Clínica* foram os livros apresentados durante o XI Simpósio da APU
- ➔ **Tema de Capa** 8. A participação activa dos urologistas marcou o XI Simpósio da APU que se destacou igualmente pela qualidade científica. Exemplo disso foi a mesa-redonda «Cancro da Próstata». Especialistas nacionais e internacionais deram conta do estado da arte nesta matéria
- ➔ **XI Simpósio** 10. A primeira mesa-redonda abordou uma temática controversa: o papel da linfadenectomia na Oncologia Urológica
 11. A importância da laparoscopia na Oncologia Urológica e a experiência dos Serviços quanto a essa técnica foram questões debatidas numa sessão
 12. Entrevista ao especialista espanhol Joan Palou Redorta sobre o plano de formação da European School of Urology
 13. Com o Oncoforum Urology, o XI Simpósio da APU fez um *up-to-date* das reuniões de quatro conceituadas sociedades internacionais de âmbito urológico e oncológico.
 - A apresentação dos resultados obtidos com algumas das bolsas de investigação concedidas pela APU também integrou o programa do Simpósio
- ➔ **Mensagem APU** 14. O secretário-geral da APU escreve sobre questões que carecem de reflexão e acção num futuro próximo
- ➔ **Congresso APNUG 2010** 15. Um balanço do VII Congresso da Associação Portuguesa de Neuro-Urologia e Uroginecologia, decorrido em Novembro

← FICHA TÉCNICA

UROLOGIA
actual

Propriedade: Associação Portuguesa de Urologia
 Rua Nova do Almada, 95 - 3.º A - 1200 - 288 LISBOA • Tel.: 213 243 590 • Fax: 213 243 599
 apurologia@mail.telepac.pt • www.apurologia.pt • **Director do jornal:** Luís Abranches Monteiro

Edição: Esfera das Ideias. **Produção de Conteúdos**
 Av. Almirante Reis, n.º 114, 4.º E • 1150 - 023 Lisboa • Tel.: 219 172 815
 geral@esferadasideias.pt • www.esferadasideias.pt
Coordenação: Madalena Barbosa (mbarbosa@esferadasideias.pt)
Redacção: Ana João Fernandes, Rute Barbedo e Vanessa Pais •
Colaboração: Sofia Filipe • **Fotografia:** Celestino Santos
Design: Diana Chaves



Associação
Portuguesa
de Urologia



Esfera das Ideias
Produção de conteúdos



Palavras em fim de ano

ESTE É UM NÚMERO fora da série do *Urologia Actual*. Digamos que é um «especial» Natal, um «especial» XI Simpósio e um «especial» balanço de fim de ano. Esta edição é dedicada apenas aos urologistas e pretende também ser um relatório de actividades e um projecto de planeamento!

Tivemos um ano cheio. Parece-me que seguimos no «bom caminho». No entanto, alguns projectos ficaram aquém do desejado. Vejamos o que me parece de manter, o que nos saiu bem e o que temos de melhorar. Há vários itens em cada uma destas categorias, mas vamos escolher os mais significativos.

Reactivámos o ritmo dos cursos de formação. Sempre foi uma prerrogativa da nossa Associação promover a formação dos seus associados. Houve alturas em que se respeitou um programa mais organizado, mas nem sempre assim foi. Por isso, penso que o carácter constante, já esperado e agendado, pode ser um factor de adesão, porque todos precisamos de otimizar e planear melhor o nosso tempo.

Antes de tudo, tem de valer a pena assistir a estes cursos, palestras, discussões, etc. E tem de ser fácil, colidindo o menos possível com o nosso trabalho e o tempo para a família. Pensamos, agora, num formato aproximadamente trimestral, que percorra os principais temas «quentes». Assim, poderia ser um programa repetível a cada dois anos, por exemplo.

Há que investir numa boa divulgação, atempada e num *one day event*, realizado num local onde seja fácil de chegar e de voltar para casa. Demos e daremos ênfase aos temas menos «encontráveis» nos congressos ou noutros eventos. Destaco a litíase, a urodinâmica e as urgências. Estamos agora a planear cursos sobre mais emergências, imagiologia urológica, uropatias neurogénicas, entre outros temas.

As semanas de incontinência urinária e das doenças da próstata decorreram conforme é hábito. Apostámos, como sempre, na distribuição de folhetos e na divulgação de informação através dos vários *media*. No entanto, é difícil avaliar o impacto na sociedade destas acções, tal como é difícil medir a necessidade de inovar nestes eventos.

Este jornal *Urologia Actual* tem corrido bem. Acima das expectativas, talvez. Deixem-me aqui dar os parabéns à equipa de jornalistas que lhe dá vida. Temos uma audiência extra-urológica, pois este jornal é lido pelos colegas de outras especialidades e estará prestes a ser uma referência no seu género. Além disso, tem escassos encargos para a Associação e tem um potencial de marketing ainda por explorar. Com este jornal, fiquei a conhecer melhor os urologistas. Valeu a pena e é para continuar.

No futuro, vamos incluir no *Urologia Actual* uma presença mais constante da direcção do Colégio de Urologia da Ordem dos Médicos. A divulgação das suas emanações é importante e este pode ser o seu melhor veículo. Bastantes modificações se afiguram necessárias no período formativo do Internato,



nas capacidades formativas, no número de internos... A classe urológica deve estar informada e ser chamada a pronunciar-se. O Colégio de Urologia somos nós, todos os especialistas!

O nosso «calcanhar de Aquiles» é a *Acta Urológica*, muito embora algo tenho sido feito. A nossa revista científica já é *peer reviewed* e, nesse aspecto, está a correr bem. Creio haver mais artigos recebidos, escritos pelos nossos urologistas, mas também alguns vindos do Brasil. Tenho a certeza que, em média, são de melhor qualidade que anteriormente. Agora, os artigos enviados têm um crivo editorial, mas o número recebido é ainda tão pequeno que não nos podemos dar ao luxo de recusar textos!

Continua, neste nosso País, a ser escasso o benefício da publicação, é baixa a motivação para investigar/escrever e é dúbia esta necessidade! Algo tem de mudar na nossa sociedade médica para nos aproximarmos dos *standards* científicos internacionais, já que o fazemos na vertente assistencial! Quem mais envolver? O Colégio, os Directores, os Hospitais, as Universidades e o Governo.

Por último, e por falar em melhoria científica, o XI Simpósio da Associação Portuguesa de Urologia foi um sinal positivo e claro de mudança. Presenças assíduas e interventivas como raramente se vê, audiências exigentes, prelectores ao melhor nível... Senti que havia orgulho por aqueles corredores do Grande Real Santa Eulália Hotel. Pelo que se apresentou, pelo que se ouviu, pelo sinal de uma classe profissional em evolução, quando vemos (quase) tudo o resto a involuir... Estamos todos de parabéns e vislumbram-se boas perspectivas para o próximo Congresso, em Ofir, no mês de Junho de 2011. ■

Um óptimo Natal para todos!

Luís Abranches Monteiro



Rewind ao último ano

Uma aposta forte na formação e na comunicação entre pares e para o exterior: este tem sido um dos estandartes da actual Direcção da Associação Portuguesa de Urologia. Passamos em revista as actividades desde o início do mandato, em Junho de 2009.

CRONOLOGIA



Texto de Ana João Fernandes

Semanas Europeias das Doenças da Próstata e da Incontinência Urinária

São a pedra-de-toque das actividades da Associação Portuguesa de Urologia (APU). As acções decorridas no âmbito das Semanas Europeias das Doenças da Próstata (em Setembro de 2009 e de 2010) e a Semana da Incontinência Urinária (em Março deste ano) – esta

realizada em parceria com a Associação Portuguesa de Neuro-Urologia e Uroginecologia (APNUG) – são, na perspectiva do presidente da APU, Tomé Matos Lopes, «importantíssimas para conseguir sensibilizar a população em geral» para essas patologias.

De referir que, para além da distribuição de folhetos informativos pelos hospitais, centros de saúde e farmácias (ver caixa «As Semanas em números») e da

ampla divulgação nos meios de comunicação social, a Semana Europeia das Doenças da Próstata de 2010 contou com a imagem do actor Nicolau Breyner, curado de um cancro que lhe foi detectado no ano passado.

Aposta na formação

Uma vez que, como sublinha Tomé Lopes, «a APU tem como função promover o desenvolvimento científico e clínico da

As Semanas em números

86 000

folhetos informativos foram distribuídos em hospitais, centros de saúde e farmácias na Semana da Incontinência Urinária, de 14 a 21 de Março de 2010;

200 000

folhetos e 5 200 cartazes informativos foram distribuídos e 55 notícias divulgadas nos *media*, no âmbito da Semana Europeia das Doenças da Próstata, em Setembro de 2009;

100 000

folhetos foram distribuídos e 90 notícias foram divulgadas no âmbito da Semana Europeia das Doenças da Próstata de 2010, que percorreu ainda 4 cidades do País (Lisboa, Porto, Coimbra e Faro), com tendas montadas em locais estratégicos, apelando à prevenção e ao diagnóstico precoce.

e meio da APU



Urologia nacional», a actual Direcção tem apostado na formação dos internos e dos jovens especialistas, com a realização de vários cursos. Laparoscopia, urodinâmica da incontinência urinária, carcinoma da próstata, litíase urinária, traumatismos e tumor da bexiga foram os temas das formações decorridas desde o início do mandato até agora. Cada sessão recebeu, em média, 40 formandos. Na perspectiva do presidente da APU, «os cursos têm alcançado uma boa adesão e um impacto maior até do que o inicialmente esperado».

Criação do jornal *Urologia Actual*

«Para além da promoção da actividade científica e do desenvolvimento da Urologia e dos urologistas portugueses, que é o principal propósito da APU, a Associação também tem a responsabilidade de aproximar os urologistas. É funda-

mental que haja um espírito associativo entre todos.» O presidente da APU justifica, assim, a criação do jornal *Urologia Actual*, em Novembro de 2009, que considera «uma ferramenta para desenvolver esse espírito associativo».

Outras actividades

A edição da versão portuguesa das *Pocket Guidelines* da European Association of Urology, que começou ser distribuída este ano aos urologistas nacionais, contou com o total apoio da Associação Portuguesa de Urologia e o patrocínio financeiro dos Laboratórios Pfizer.

Por outro lado, a APU também tem contribuído para o maior conhecimento na comunidade médica (quer urológica quer de Medicina Geral e Familiar), com a publicação e divulgação de vários artigos científicos. «Noctúria – Etiopatogenia e Terapêutica», da autoria de Garção

Nunes; «HBP – Sintomas e Impacto na Qualidade de Vida», da autoria de Júlio Fidalgo Fonseca e Artur Sabugueiro Palmas; e «HBP – Fisiopatologia, Epidemiologia e Sintomatologia», escrito por Fortunato Barros, foram, até ao momento, os temas revisitados, que podem ser consultados no *site* da APU. Além disso, o *site* da Associação conta, agora, com mais 21 textos sobre diversas patologias urológicas.

A atribuição de bolsas de investigação em Urologia, no valor de oito mil euros cada, em 2009 e em 2010; a concessão do patrocínio científico a 17 reuniões nacionais; a representação em seis eventos internacionais, até ao momento; o arranque da corrida para a indexação da *Acta Urológica* à Medline; e a preparação de um livro sobre urodinâmica são outras actividades de destaque que fazem da APU uma associação médico-científica de vanguarda. ■



O lado literário dos urologistas portugueses

Os livros *Coisas da Medicina*, *Transplantação de Órgãos Abdominais em Coimbra* e *Urologia Fundamental na Prática Clínica* são óptimas sugestões de leitura. A apresentação destas obras, durante o XI Simpósio da Associação Portuguesa de Urologia, que decorreu no passado mês de Novembro, reforçou o valor profissional e pessoal dos urologistas-escretores.

Transplantação de Órgãos Abdominais em Coimbra, de Alexandre Linhares Furtado



NO PASSADO MÊS DE OUTUBRO, Linhares Furtado foi convocado por Aníbal Cavaco Silva para comparecer no Palácio de Belém. O Presidente da República quis homenagear e agradecer o desempenho de um grupo de médicos pioneiros na transplantação, entre eles este urologista. O primeiro transplante em Portugal realizou-se no dia 20 de Julho de 1969, nos Hospitais da Universidade de Coimbra, pelas mãos de Linhares Furtado, e tratou-se de um transplante do rim de dador vivo. Desde então, o especialista não mais parou e é sua intenção deixar o saber para a posteridade. Por isso, escreveu o livro *Transplantação de Órgãos Abdominais em Coimbra*.

Quando escreveu esta obra, o autor pensou nos médicos não-especializados

em transplantação como público-alvo. Porém, o livro é igualmente adequado para o público em geral, pessoas com familiares ou amigos que necessitam de um transplante, enfermeiros e todos aqueles que gostam de ter uma certa cultura sobre assuntos relacionados com a saúde.

«Trata-se de um documento valioso para a história da Medicina em Portugal», sublinha Linhares Furtado, cuja intenção foi imortalizar algumas das suas memórias, escrevendo-as por gosto, mas também atendendo a solicitações de pessoas amigas. O autor admite que foi um processo «trabalhoso». Afinal, além de recorrer à sua própria memória, teve de pesquisar em material científico, em diversos documentos e junto de alguns profissionais. «A minha tese de doutoramento foi muito mais fácil de fazer. Fi-la num mês, apenas com duas interrupções para realizar duas intervenções cirúrgicas», compara o médico, satisfeito com o resultado.

Apoiado pelo laboratório Astellas, as receitas do livro revertem na totalidade a favor da Associação Hepaturix, que apoia

famílias de crianças transplantadas ou com doenças crónicas hepáticas. No dia da apresentação oficial, a 18 de Fevereiro deste ano, no Pavilhão Centro de Portugal, em Coimbra, o número de exemplares vendidos foi relevante. As apreciações que Linhares Furtado tem recebido acerca do livro são «favoráveis» e surgem tanto de cidadãos anónimos, como de personalidades da área da Medicina, o que, no entender do autor, «é altamente gratificante».

Sofia Filipe

Coisas da Medicina, de Alfredo Mota



«**A** ESCRITA, POR MAIS SIMPLES e desprentiosa que seja, é extremamente educativa, porque nos impõe algumas obriga-

ções e nos proporciona proveitos: exercita o raciocínio, estimula a capacidade de concentração, exige leituras e/ou consul-



O Axis Ofir Beach Resort Hotel, implantado no Parque Natural Litoral Norte, no pinhal de Ofir, em Esposende, vai acolher o Congresso APU 2011

Novidades do Congresso de 2011

A realizar-se de 16 a 18 de Junho, na zona costeira protegida de Ofir, o Congresso Nacional de Urologia de 2011 está já a ser preparado ao detalhe. A organização, a cabo do Serviço Urologia do Hospital de São João, adianta alguns aspectos sobre o encontro.

Texto de Ana João Fernandes

ONCOLOGIA PROSTÁTICA E RENAL, hiperplasia benigna da próstata, incontinência urinária, bexiga hiperactiva, litíase, disfunção sexual: estes são os temas centrais do Congresso Nacional de Urologia de 2011.

«Obviamente, estas problemáticas são incontornáveis, bem como a prevenção das doenças urológicas, que vai ser também uma área de grande destaque», justifica Francisco Cruz, director do Serviço de Urologia do Hospital de



tas de livros, obriga a revisão ortográfica e gramatical, tem um delicioso componente lúdico e, finalmente, é viciante.» Estas são palavras que Alfredo Mota, director do Serviço de Urologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra, não se cansa de repetir. Aliás, constam na nota introdutória do seu livro *Coisas da Medicina*.

Desde 2006 que este especialista em transplantação renal escreve, por prazer, para o semanário *A Voz de Trás-os-Montes*. Tem mais de 150 crónicas publicadas sobre Medicina, mas também sobre outras temáticas. Quando atingiu um número considerável de crónicas, Alfredo Mota decidiu compilar as que dizem respeito à clínica e agrupou-as em três capítulos: *Medicina na Primeira Pessoa*, *Transplantação Renal* e *Saúde em Português*.

«Numa das minhas primeiras crónicas, de Outubro de 2006, previ a crise actual do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Nessa altura, referi que o SNS apenas seria cumprido se fosse salvaguardado para poder ser oferecido a quem dele necessita», comenta Alfredo Mota,

Além de considerações sobre o SNS, o livro reúne fundamentações sobre a Medicina de hoje enquanto Ciência e Arte. «A arte médica é muito importante para o doente. A ciência médica desligada da arte não faz sentido. O médico tem de dar esperança e falar com o doente, pois este tem carências e dificuldades, devendo ser entendido e compreendido em toda a sua dimensão», refere o autor,

Por esta razão, Alfredo Mota não hesita em afirmar que os temas abordados no seu livro são úteis para o enriquecimento e conhecimento dos leitores, sejam eles mé-

dicos ou estudantes de Medicina. Usando o princípio de Montaigne (filósofo francês do séc. XVII), que dizia que a palavra pertence metade a quem a diz e outra metade a quem a ouve, o urologista diz que «gostaria que a palavra se concretizasse na escrita, pertencendo metade a quem a escreveu e metade a quem a leu». Assim, tem esperança que os seus escritos contribuam para uma certa mudança em quem os lê.

Editado pela Almedina, o livro *Coisas da Medicina* encontra-se à venda nas livrarias por 14 euros. As receitas revertem, na íntegra, a favor da Associação dos Amigos da Transplantação.

Sofia Filipe



Urologia Fundamental na Prática Clínica, coordenado por José Santos Dias

DA AUTORIA DE um conjunto de

especialistas coordenados por José Dias, urologista no Hospital da Luz, em Lisboa, este livro «destina-se a médicos de família, internos e médicos de outras especialidades relacionadas ou de fronteira com a Urologia e ainda a estudantes de Medicina das diferentes Faculdades, que preparam o exame da cadeira de Urologia», explica o coordenador.

O objectivo de «proporcionar um livro de Urologia que pudesse corresponder às necessidades destes grupos foi o motor deste trabalho e o desafio que os autores se propuseram ultrapassar – e que

esperam ter alcançado», indica José Dias. E acrescenta: «Esta variedade de públicos-alvo significa uma responsabilidade acrescida, porque se pretendeu abordar a diversidade de técnicas de diagnóstico e terapêutica levadas a cabo pelos urologistas, abrangendo o largo espectro de conhecimentos que esta especialidade envolve. No fundo, quisemos dar conta da "beleza" da actividade urológica.»

Abordando os temas mais relevantes da Urologia na prática clínica diária, o livro *Urologia Fundamental na Prática Clínica* é mais extenso do que o livro anterior – *A Urologia em 10 Minutos*, editado em 2007, também com o apoio da Bayer Schering Pharma e com a participação de alguns autores comuns.

Além dos assuntos já incluídos no livro anterior, como o cancro da próstata, a hiperplasia benigna da próstata, a disfunção erétil, a incontinência, a infecção e litíase urinária, a infertilidade masculina, os tumores da bexiga, do rim e do testículo, «foram abordados de uma forma mais extensa todos os temas que podem ser relevantes para o médico de família, como os tumores urológicos, as doenças quísticas do rim, as doenças da uretra, a ejaculação precoce, os prolapsos urogenitais, a patologia genital masculina não-oncológica e as novas técnicas de tratamento em Urologia», adianta José Dias.

Para além desta função formativa, os autores esperam que «quem se debruce sobre esta obra possa aperceber-se dos múltiplos aspectos que tornam a especialidade de Urologia tão apelativa», conclui o coordenador. ■

Vanessa Pais

São João, que é o responsável pela organização do Congresso.

Estão previstas algumas mudanças ao nível do formato, que privilegiará as palestras, as mesas-redondas e os debates. «À semelhança do que acontece nos congressos europeu e americano, vamos concentrar as sessões científicas, garantindo um programa sem intervalos, que quebram o ritmo dos trabalhos e levam à dispersão da assistência», esclarece Francisco Cruz.

Outro aspecto relevante na organização do Congresso de 2011 consiste no facto de que se vai «garantir que os tra-

balhos enviados vão ter um período de grande visibilidade na sala principal». «Sendo esta reunião a montra da Urologia portuguesa, vamos criar espaços nobres para a apresentação e discussão do que de melhor se tem vindo a investigar nos nossos Serviços. Esperamos, em contrapartida, uma elevada submissão de trabalhos e uma disponibilidade dos colegas mais experientes para moderar as respectivas sessões», frisa o director do Serviço organizador.

Muito do sucesso do Congresso Nacional de Urologia de 2011 «passará pela participação activa de todos os Servi-

ços», considera Francisco Cruz. Por isso, apela: «Contamos com todos para continuar a fazer do Congresso um evento da maior qualidade e com repercussão na nossa comunidade urológica.» ■

A data-limite para entrega dos trabalhos a apresentar no Congresso de 2011 é o dia 31 de Março próximo. O e-mail para onde deverão ser enviados é: congresso.APU.2011@gmail.com. De referir que o secretariado é da responsabilidade da empresa Skyros Congressos.



XI Simpósio APU surpreendeu pela participação activa

A participação activa dos 280 inscritos foi a marca dominante do XI Simpósio da Associação Portuguesa de Urologia (APU), que decorreu de 12 a 14 de Novembro passado, em Albufeira. Saiba o que motivou os urologistas e internos a trocarem experiências durante três dias, de forma fluida, pragmática e organizada.



Fotos: Rúben Vargas

Tomé Lopes teve a seu cargo a abertura do Simpósio, que contou com um número recorde de inscrições e sessões científicas muito participadas



Texto de Vanessa Pais

TOMÉ MATOS LOPES e Luís Abranches Monteiro, respectivamente presidente e secretário-geral da APU, fazem um balanço positivo do XI Simpósio, que levou ao Grande Real Santa Eulália Hotel, em Albufeira, entre 12 e 14 de Novembro, mais de 200 especialistas, o que significa um recorde a nível de inscrições e participantes.

«Houve também uma participação recorde da indústria farmacêutica, fundamental para financiar estes projectos e as acções científicas. Contámos com 32 *stands*, três deles duplos, o que significa que todos os nossos associados institucionais foram a este Simpósio», sublinha o presidente da APU.

A organização é outro dos pontos a destacar, de acordo com Tomé Lopes: «Foi entregue à empresa Admédic, que merece uma referência, porque fez um trabalho excelente ao ajudar-nos a organizar este Simpósio.» E isso reflectiu-se no *feedback* dos associados: «No fim da reunião, ninguém veio ter comigo a dizer que alguma coisa tinha corrido mal e a qualidade das apresentações foi muito destacada pelos associados da APU», diz Tomé Lopes.

O tema do XI Simpósio – «Oncologia Urológica» – foi escolhido, segundo o presidente da APU, «por se verificar, nos

Serviços de Urologia portugueses, que cada vez mais doentes apresentam patologias tumorais». Assim, «houve uma necessidade de fazer o ponto de situação, uma actualização, discutindo e partilhando experiências sobre o tema das patologias oncológicas em Urologia», afirma Tomé Lopes. Entre os principais assuntos, foram abordados o cancro da próstata, a linfadenectomia, a laparoscopia em Oncologia Urológica, os tumores da bexiga TIG3 e do urotélio, a cistectomia com preservação da próstata e a crioterapia em tumores urológicos.

A importância do contacto «cara-a-cara»

Em relação às apresentações na sua generalidade, há que referir que houve uma opção clara pelo «convite aos mais novos para fazerem prelecções», destaca o presidente da APU. E o resultado desta aposta fez-se sentir «ao nível da qualidade científica, do pragmatismo e das mensagens passadas», que, de acordo com Luís Abranches Monteiro, resultaram bem. «As sessões foram muito participadas, as salas estiveram cheias e a discussão prolongou-se nos corredores», salienta o secretário-geral da APU.

«Há quem sustente que este formato

de reuniões, em que está uma pessoa no palco a falar para a assistência, será substituído pelas plataformas electrónicas. No entanto, o XI Simpósio da APU mostrou que há ainda muito a percorrer neste formato presencial. A congregação de profissionais mostrou-se útil e necessária», sublinha Abranches Monteiro.

Mas o que terá contribuído para este reavivar da participação activa dos urologistas nas suas reuniões científicas? O secretário-geral da APU responde: «É evidente que alguém teve a responsabilidade para que as coisas surgissem de forma fluida e organizada, mas a solidez, a clareza e o pragmatismo, e principalmente o número de mensagens que se passaram fizeram a grande parte do sucesso.»

Em relação ao facto de ter sido dada oportunidade aos mais novos para «subirem ao púlpito», Abranches Monteiro destaca que, hoje em dia, «a nova geração tem contacto precoce com as experiências internacionais e já está habituada a este tipo de programas». «Talvez esta geração jovem esteja a contagiar a geração antiga e é também por isso que se regista maior atenção e interesse durante as sessões dos simpósios e congressos», conclui o secretário-geral da APU. ■

Estado da arte no carcinoma da próstata

Marcadores tumorais, biopsia prostática, imagem no estadiamento e no *follow-up*, vigilância activa, terapêutica focal e margens positivas foram os principais assuntos abordados na mesa-redonda «Cancro da Próstata».

Texto de Vanessa Pais

«**BASTANTE ELUCIDATIVA** e informativa.» É desta forma que Fortunato Barros, urologista no Hospital de São José, em Lisboa, resume a mesa-redonda sobre cancro da próstata, que decorreu no dia 12 do passado mês de Novembro, no XI Simpósio da Associação Portuguesa de Urologia (APU). «Conseguiu-se deixar mensagens importantes para a prática clínica», salienta Fortunato Barros, que moderou a mesa-redonda em conjunto com Armando Abrantes, do Brasil, e José Luís Barreto, do Hospital Egas Moniz, em Lisboa.

Na sessão, Pedro Soares, urologista do Hospital de Garcia de Orta, em Almada, falou sobre os marcadores tumorais e a sua aplicação no diagnóstico do carcinoma da próstata. Este orador lembrou que o PSA (*prostate-specific antigen*) continua a ser o marcador mais importante no diagnóstico, estadiamento e *follow-up* do carcinoma da próstata. Além disso, «destacou a importância de alguns marcadores moleculares e génicos, como os factores de crescimento similares à insulina, a calicreína humana 2, o PCA (*prostate cancer antigen*) 3 e a racemase.

Outro orador da mesa foi Paulo Azinhais, do Centro Hospitalar de Coimbra, que falou sobre as formas e técnicas de realização das biopsias prostáticas e do acondicionamento e tratamento das amostras colhidas. «Imagem no Estadiamento e no *Follow-up*» foi o assunto abordado por António Pedro Carvalho, do Hospital de São Marcos, em Braga. Este especialista «enalteceu a importância da ressonância magnética nuclear com coil endorrectal e as suas variantes paramétricas, no diagnóstico e estadiamento dos tumores localizados e localmente avançados», afirma Fortunato Barros. «Na detecção da recidiva local e no estadiamento, a PET [*positron emission tomography*] scan e a PET-scan com colina mostram-se promissoras», acrescenta o moderador.

Já a vigilância activa no tratamento do carcinoma da próstata foi defendida por Rui Prisco, do Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos. Este orador salientou que esta é uma forma de tratamento específica para casos muito seleccionados em doença pouco agressiva, estádios de baixo risco (PSA <10 e Gleason <7) e em

doentes com uma expectativa de vida inferior a dez anos. Louise Dickinson, do Reino Unido, também participou nesta mesa-redonda, abordando o tema «Terapêutica Focal no Cancro da Próstata». Apesar de os estudos apresentados pela especialista mostrarem que os tratamentos mais usados, como a crioterapia e o HIFU (*high intensity focused ultrasound*), têm resultados bastante animadores, «não é de descurar o risco de recidiva ou de tumor residual», lembra Fortunato Barros.

Por último, José Eduardo Cardoso de Oliveira, do Hospital do Espírito Santo de Évora, falou sobre «Margens Positivas» e referiu que se trata de um dos *outcomes* mais importantes na área do carcinoma da próstata. «Os estudos mais recentes sugerem resultados comparáveis entre as várias técnicas de prostatectomia radical, no entanto, ainda se mantém alguma controvérsia quanto ao tipo de tratamento e ao *timing*, sendo que a prevenção passa por uma correcta aplicação da técnica cirúrgica e uma criteriosa selecção dos doentes», resume Fortunato Barros. ■

Especialistas portugueses e estrangeiros reuniram-se para debater os desafios actuais na área do cancro da próstata



Desafios no diagnóstico e tratamento

Depois dos assuntos abordados na mesa-redonda e da discussão que se gerou no final da sessão, Fortunato Barros conclui que «os grandes desafios que se colocam, actualmente, na área do diagnóstico do carcinoma da próstata assentam no uso de marcadores específicos (moleculares ou génicos), de técnicas imagiológicas de estadiamento e na detecção de margens neoplásicas».

Em relação ao tratamento, «os desafios tendem para técnicas minimamente invasivas, terapêuticas focais, uso de anticorpos monoclonais e outros imunomoduladores e a terapêutica génica», afirma o moderador da mesa. Quanto ao futuro da Urologia nacional nesta área, Fortunato Barros arrisca: «Prevejo avanços a curto prazo. As várias escolas portuguesas têm dado passos importantes nas áreas da investigação e da terapêutica cirúrgica.»



Linfadenectomia na Oncologia Urológica: para que tumores?

A primeira mesa-redonda do simpósio APU 2010 abordou uma temática controversa: o papel da linfadenectomia na Oncologia Urológica. Se para o carcinoma da bexiga, o interesse foi confirmado, já em relação ao tumor do rim ou da próstata ficou claro que ainda perduram algumas dúvidas.

Texto de Ana João Fernandes

SALIENTANDO A «QUALIDADE DAS APRESENTAÇÕES» na mesa-redonda «Linfadenectomia em Oncologia Urológica», os moderadores da sessão, Francisco Carrasquinho Gomes e Jorge Oliveira – directores dos Serviços de Urologia do Hospital Prof. Fernando Fonseca e do Instituto Português de Oncologia do Porto, respectivamente – tecem um comentário ao que foi apresentado, bem como ao estado da arte relativo a cada um dos cinco tumores abordados.

Tumor do rim

Sobre este tema, que foi abordado por Francisco Martins no XI Simpósio da APU, Carrasquinho Gomes afirma que «o papel da linfadenectomia no tumor do rim não está bem definido», sendo que, «neste momento, não há grandes argumentos a favor» desse procedimento cirúrgico «como terapêutica curativa».

A mesma perspectiva é partilhada por Jorge Oliveira. «Ficou mais ou menos assente que o interesse da linfadenectomia no tumor do rim é sobretudo como método de estadiamento da doença», reflecte. «Deve-se fazer a cirurgia em massas ganglionares palpáveis que possam ser excisadas, embora não estejamos com isso a contribuir para a cura da doença, mas para diminuir a carga tumoral, com a ajuda dos novos medicamentos anti-angiogénicos.»

Na opinião de Jorge Oliveira, «as controvérsias da linfadenectomia em relação ao tumor do rim vão-se manter, porque a probabilidade de haver uma doença metastizada local e única é muito baixa».

Tumor da bexiga

Contrariamente ao carcinoma do rim, o papel da linfadenectomia no tumor da bexiga – assunto abordado por Miguel Carvalho – não é um tema controverso. «Contribui para o êxito terapêutico em doentes com metastização ganglionar»,

resume Francisco Carrasquinho Gomes. Na opinião de Jorge Oliveira, na sessão, «foi posto em evidência que, quanto maior o número de cancros excisados no decurso da linfadenectomia na cistectomia radical, melhor o prognóstico». «A linfadenectomia alargada tem interesse, contribuindo até para a cura do doente», conclui este urologista.

Tumor do pénis

Outra área em que a realização de linfadenectomia não está livre de polémica é o carcinoma do pénis, cuja qualidade, na perspectiva de Carrasquinho Gomes, «está dependente do número de casos que um Serviço trata».

De acordo com Jorge Oliveira, ficou claro, com a palestra de Lafuente de Carvalho, que «a chamada linfadenectomia inguinal tem efeito curativo; logo, quase que é obrigatória na suspeita da existência de metastização». «O mesmo já não sucede em relação ao aparecimento de adenopatias ilíacas, onde o prognóstico é muito mais reservado», refere. «No entanto, ficou assente que se deve realizar linfadenectomia pélvica preferivelmente em dois tempos operatórios.»

Ainda segundo o director do Serviço de Urologia do IPO do Porto, também ficou clara «a necessidade de execução do gânglio sentinela nos casos em que há lesão peniana e não se evidenciam gânglios palpáveis, na tentativa de não realizar a linfadenectomia apenas com um intuito de estadiamento, devido à morbilidade que essa cirurgia tem», completa Jorge Oliveira.

Tumor do testículo

Em relação ao carcinoma abordado por Eduardo Silva, Jorge Oliveira resume que «a linfadenectomia poderá ser realizada, em alguns centros vocacionados, como método de diagnóstico e tratamento». No



Eduardo Silva fez uma preleção sobre o interesse da linfadenectomia no tumor do testículo



Fotos: Rúben Viegas

entanto, «atendendo à sua morbilidade e à dificuldade cirúrgica, a sua realização deve cingir-se às massas residuais em doentes tratados ao carcinoma de testículo não-seminoma, visto tratar-se, na maioria dos casos, de teratoma maduro, que não responde à quimioterapia», explica. E continua: «Foi também assinalada a necessidade de linfadenectomia em massas residuais de doentes com seminoma, sendo esta, normalmente, de difícil execução técnica, atendendo ao facto de que há uma fibrose muito intensa.»

Tumor da próstata

Por fim, o tema abordado por Francisco Pina também suscita alguma controvérsia. «Não está claramente definido o interesse da linfadenectomia no cancro da próstata. É um auxílio importante no estadiamento, mas põe-se em causa a sua eficácia no tratamento», abrevia Jorge Oliveira. No entanto, este moderador da mesa-redonda julga que a controvérsia dever-se-á esbater no futuro, «quando houver *follow-up* suficiente, para se ter a noção de que, fazendo linfadenectomia exhaustiva, se traz ou não uma melhoria da sobrevida nos casos em que haja metastização positiva». ■



Texto de Ana João Fernandes

DOZE DIRECTORES DE DIFERENTES Serviços de Urologia dos quatro cantos do País reuniram-se numa sessão que decorreu no último Simpósio da APU. O objectivo foi debater, entre si e perante outros urologistas, a experiência dos seus Serviços em laparoscopia na Oncologia Urológica. De acordo com Francisco Rolo, um dos moderadores – em conjunto com Avelino Fraga – «a sessão foi extremamente importante para falar sobre a realidade actual da cirurgia laparoscópica em Portugal».

Com efeito, foi apontado na sessão, com alguma certeza, que cerca de 50% dos Serviços do País fazem cirurgia laparoscópica. «Principalmente a nível renal, já se faz muita laparoscopia» e há também vários centros «habilitados nessa técnica ao nível do cancro da próstata», salienta Francisco Rolo, urologista nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Das várias questões que foram debatidas na sessão, houve uma que suscitou particular polémica: deverão todos os urologistas especializar-se na cirurgia laparoscópica? Se, para Paulo Dinis, do Hospital de São João, no Porto, «um urologista que não saiba fazer laparoscopia é como um gastroenterologista que não sabe fazer uma endoscopia»; para Tomé Lopes, por exemplo, essa comparação não faz sentido. «Seria impensável que, no Serviço que eu dirijo [do Hospital de Santa Maria, em Lisboa], toda a gente fizesse cirurgia laparoscópica! Há urologistas que não gostam dessa forma de operar, além de que, num Serviço grande, deve haver pessoas especializadas

Serviços reflectiram sobre a realidade laparoscópica nacional

Actualmente, mais de metade da produção cirúrgica na maioria dos Serviços de Urologia é do foro oncológico. Qual a importância da laparoscopia nesse domínio? E qual é a experiência dos vários Serviços do País quanto a essa técnica? Estas e outras questões foram vivamente debatidas numa sessão do Simpósio da APU 2010.



Joaquim Lindouro, do Hospital Padre Américo, em Penafiel, foi um dos 12 directores de Serviço que intervieram na sessão dedicada à laparoscopia em Oncologia Urológica

em determinadas técnicas», reflectiu.

Dando também o seu parecer, Joshua Ruah afirmou: «É evidente que, hoje, a laparoscopia é uma cirurgia de ponta e é defendida acerrimamente, como eu há 20 anos defendia a cirurgia percutânea e a ureterorenoscopia, achando que, quem não as fizesse, não era urologista. Mas o tempo veio dizer que, na Medicina, há indicações para tudo. Por isso, creio que é necessário que as pessoas saibam fazer tudo e que tenham diferenciação, embora continuem a fazer a chamada cirurgia aberta.»

A mesma perspectiva é partilhada por Francisco Rolo: «Nem todos os urologistas precisarão de fazer cirurgia laparos-

cópica, mas esta deve integrar a formação dos internos», conclui.

Deveria ou não haver a implementação de sistemas de treino em laparoscopia? Esta foi outra das questões lançadas na sessão, também vivamente debatida.

Para o co-moderador Francisco Rolo, esta cirurgia «tem uma curva de aprendizagem muito grande». «Deveria haver centros de treino em aparelhos de simulação, onde as pessoas pudessem progredir sem estar à espera de operar na realidade», reflecte. E conclui: «Penso que a APU deveria apostar na promoção da existência de dois ou três centros especializados, onde se possa ir todas as semanas praticar.» ■

Jantar reuniu ex-presidentes da APU

O Jantar Oficial do Simpósio, decorrido na noite de 13 de Novembro, congregou os urologistas portugueses. O actual presidente da APU, Tomé Lopes, foi o anfitrião deste jantar que reuniu quase todos os ex-presidentes da Associação Portuguesa de Urologia e suas esposas



No final do jantar, o actual presidente da APU, Tomé Lopes (último à dta.), chamou ao palco todos os ex-presidentes presentes: Alexandre Linhares Furtado, Alberto Matos Ferreira, José Manuel Campos Pinheiro, Joshua Ruah, Adriano Pimenta, Manuel Mendes Silva e Francisco Rolo (da esq. para a dta.)





Joan Palou Redorta

Unidade de Oncologia Urológica do Serviço de Urologia da Fundação Puigvert, em Barcelona, Espanha

«O e-learning é importante, mas não podemos descurar o contacto pessoal na formação»

com os especialistas. O ensino à distância é importante, mas as palestras e as sessões presenciais também o são. Não podemos simplesmente substituir uma coisa pela outra. As pessoas também precisam de estar frente-a-frente com os especialistas para lhes colocarem questões, tirar dúvidas, apresentar os seus casos... Temos de caminhar na direcção de novos e melhores métodos de ensino, mas temos também de manter os métodos clássicos, como o frente-a-frente com os especialistas.

→ Os cursos da ESU podem ser ministrados em qualquer reunião científica?

A ESU ministra estes cursos por todo o mundo. Qualquer associação ou sociedade que pretenda incluir no programa das suas reuniões científicas um dos nossos cursos só tem de nos contactar. Temos 130 especialistas das mais variadas áreas da Urologia disponíveis para fazerem esses cursos onde quer que sejam solicitados. Já tivemos pedidos de países como Espanha, França, Noruega, por exemplo, e até de países como a Arménia, a Síria ou o Azerbaijão. E também há a possibilidade de os temas serem escolhidos por quem solicita os cursos. Depois, nós organizamos tudo.

→ Podemos dizer que desenvolvem um trabalho de globalização e homogeneização da formação em Urologia?

Sim. Estamos a trabalhar para que haja um conhecimento global em Urologia e para homogeneizar a forma como os nossos doentes são tratados. Para isso contribuem muito as *guidelines* europeias, em cuja elaboração estamos a colaborar. Essas *guidelines* vão permitir uma actualização contínua dos urologistas que não têm tempo para ler toda a produção científica que se publica mensalmente. Como as *guidelines* são actualizadas periodicamente, consoante o tema, os especialistas estarão sempre actualizados. ■

O Curso organizado pela European School of Urology (ESU), que teve lugar no segundo dia do Simpósio, 13 de Novembro, abordou as temáticas da Oncologia no testículo e tumores adrenais e foi presidido por Joan Palou Redorta. Em entrevista ao *Urologia Actual*, o especialista espanhol falou sobre a importância da formação, através do *e-learning* ou de sessões presenciais, no âmbito da Urologia.

Texto de Vanessa Pais

→ Considera que a European Association of Urology (EAU) e, particularmente, a European School of Urology estão bem posicionadas na área da formação?

Penso que sim. Nos últimos 10/20 anos, verificou-se um grande desenvolvimento tecnológico que tem permitido uma evolução ao nível da formação em geral e, em particular, ao nível das possibilidades que a EAU tem para oferecer aos seus associados nesta área da formação e actualização em Urologia. Todos os anos temos cursos diferentes de aprendizagem para internos, de formação contínua para jo-

vens urologistas e, também, dirigidos a todos os urologistas que queiram fazer uma actualização. Há níveis diferentes de cursos, consoante as situações. Agora, encontramos-nos a desenvolver o *e-learning*, pelo que estamos a melhorar os mecanismos para aqueles que procuram estar actualizados através da Internet.

→ Dentro da formação em Urologia, o *e-learning* será a maior aposta para o futuro?

O *e-learning* é um dos nossos investimentos mais importantes para o futuro, mas não podemos descurar o contacto pessoal

Temas científicos do Curso

Além de Joan Palou Redorta, o Curso «*Oncology in Testis and Adrenal Tumours*», que decorreu no XI Simpósio da APU, contou com a participação de J. Alfred Witjes, do Departamento de Urologia do Radboud University Nijmegen Medical Centre, na Holanda, e dos portugueses Arnaldo Figueiredo e Luís Campos Pinheiro. Neste Curso, falou-se sobre o diagnóstico do cancro do testículo, desde os sintomas clínicos à ultrassonografia, passando pelos marcadores e pela tomografia computadorizada (TC). A este propósito, foi abordada a questão do acompanhamento equilibrado, isto é, quando e porquê utilizar os marcadores e a TC. O diagnóstico

dos tumores adrenais, nomeadamente a sua avaliação através de tomografia computadorizada e de testes funcionais, também foi abordado neste Curso.

Os princípios básicos na gestão da doença retroperitoneal e metastática, com especial incidência na vigilância, quimioterapia e cirurgia estadia a estadia, de acordo com o histórico, foi outra das questões que integraram o Curso. Houve também um painel que se focou na abordagem das massas adrenais, sobretudo nos detalhes técnicos da cirurgia laparoscópica. Para culminar, seguiu-se um período de discussão interactiva dos casos apresentados.



Oncoforum Urology: um espaço de actualização

O programa científico do último dia do XI Simpósio da APU foi dedicado ao Oncoforum Urology. Esta plataforma online pretende fazer um up-to-date das reuniões anuais de quatro das mais conceituadas sociedades científicas internacionais de âmbito urológico e oncológico.

Texto de Ana João Fernandes

EUROPEAN ASSOCIATION OF UROLOGY (EAU), American Urological Association (AUA), American Society for Radiation Oncology (ASTRO) e American Society of Clinical Oncology (ASCO): estas são as sociedades que estão representadas no Oncoforum Urology. Trata-se de uma plataforma internacional disponível na Internet que pretende actualizar os urologistas, bem como os oncologistas e radioterapeutas, acerca do que de mais relevante foi apresentado nos congressos destas quatro associações relativamente à Oncologia Urológica.

Para além do *site* na Web, o projecto On-

coforum Urology – que se centra, essencialmente, nos carcinomas da próstata, da bexiga, do rim, do pénis e do testículo – tem também contado com reuniões dedicadas ao debate científico das novidades da Oncologia Urológica apresentadas pela EAU, AUA, ASTRO e ASCO.

A segunda reunião portuguesa decorreu no último dia do Simpósio da APU de 2010, a 14 de Novembro. Moderada por Francisco Rolo, dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), a sessão contou com palestras de Lafuente de Carvalho, Palma dos Reis, Francisco Pina e Júlio Fonseca, cada uma dedicada aos diferentes tumores do foro urológico.



Saiba mais em www.oncoforum.org

De acordo com o moderador, «os quatro palestrantes apresentaram as novidades que podem, de algum modo, modificar a prática clínica, dando a conhecer as suas visões pessoais», já que o objectivo é que a informação disponibilizada pelo Oncoforum Urology «tenha uma aplicação prática no imediato ou num futuro próximo».

Assim, Francisco Rolo incentiva os urologistas portugueses a acederem à plataforma *online* que, «de um modo simples» (mediante um *login*), fornece informação actualizada sobre a patologia tumoral, uma área «em contínua evolução», contando com a credibilidade a que a EAU, a AUA, a ASTRO e a ASCO têm habituado a comunidade científica. ■



Luís Saraiva apresentou os resultados do trabalho da sua equipa sobre a actividade encefálica na hiperactividade vesical

Ruben Viegas

Resultados das bolsas da APU apresentados no XI Simpósio

A apresentação dos resultados obtidos com as bolsas de investigação concedidas pela APU integrou o programa científico do XI Simpósio. A sessão, inédita até à data, teve resultados positivos, motivando a apresentação de mais trabalhos nas próximas reuniões da APU.

– é um factor de qualidade da prática médica. Nesse aspecto, a APU tem dado o seu contributo, de que são exemplo as parcerias estabelecidas com a indústria farmacêutica para instituir bolsas de investigação científica. Para a Associação, é gratificante constatar o impacto destas bolsas, bem como o papel impulsionador na investigação. Por isso, quando o programa das futuras reuniões estiver a ser elaborado, seguramente, terá nas suas sessões a apresentação de mais trabalhos realizados com o apoio das bolsas.

Até porque, apesar de muitos dos trabalhos apoiados pela APU terem sido publicados em revistas nacionais e estrangeiras, já aconteceu surgirem dúvidas sobre o verdadeiro destino do valor atribuído para a execução do mesmo. «Nesta sessão do XI Simpósio, quisemos apresentar os resultados das primeiras bolsas atribuídas e verificou-se que deram origem a trabalhos de grande qualidade», conclui Arnaldo Figueiredo. ■

Texto de Sofia Filipe

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AUROLOGIA (APU) atribui uma a duas bolsas por ano desde 2003, com o apoio da Jaba Recordati. Cada vencedor recebe entre 7 500 e 8 000 euros para desenvolver o projecto de investigação proposto. Findo o trabalho propriamente dito, nem sempre se procede à sua apresentação pública e os resultados obtidos, muitas vezes, perdem-se no tempo e no espaço. Para preencher esta lacuna, a APU resolveu incluir no programa do seu XI Simpósio uma sessão dedicada ao tema, seleccionando seis trabalhos, desenvolvidos

com o apoio da Bolsa de Investigação da APU, para serem apresentados.

Para Arnaldo Figueiredo, em Portugal, a investigação foi sempre encarada como «um parente pobre da prática médica». O vice-presidente da APU encontra razões que expliquem esta atitude, enraizada desde a formação básica. Não só porque a ocupação clínica deixa pouco espaço para a investigação, mas, sobretudo, porque «a investigação nunca foi verdadeiramente estimulada nem valorizada».

É sabido que a necessidade de aprofundar conhecimentos – investigando





OPINIÃO

Preocupações da APU para o futuro

Luís Abranches Monteiro
Secretário-geral da APU

DEIXEM-ME APROVEITAR esta edição dedicada apenas aos urologistas para abordar alguns temas «difíceis» que têm de ser partilhados entre todos e têm sido alvo repetido de discussão nos corredores da Urologia, nomeadamente nas assembleias da APU. Os membros da Direcção e os seus planos para 2011 não podem ser alheios a estas preocupações.

Ponto 1: As deslocações científicas e a dependência da indústria

Assistimos, nos últimos anos, a diversos fenómenos de mudança na relação que as várias indústrias têm para connosco, médicos em geral. Esta mudança é consequência de diversas realidades:

- Os proveitos mais apertados levam a uma «melhor» e mais «racional» gestão dos investimentos. Cada euro tem de ter retorno, longe indo o tempo da bonomia e magnanimidade. Para além de haver menos apoios, estes tendem a ser mais pessoais e menos desinteressados.

- Esse retorno pode ser contaminador da ciência. Temos alguma reserva na produção científica ou na sua divulgação apoiada pela indústria.

Nasce, assim, a necessidade de introduzir *financial disclosures* em cada trabalho apresentado. Tem sido essa a tendência internacional e é louvável!

- A agressividade comercial transforma algumas deslocações científicas patrocinadas num turismo «científico» em que a imagem e a presença constante do apoiante é a prioridade. Investe-se em grupos acompanhados pelos representantes comerciais 24 horas (?) por dia; em programas sociais, simpósios, mais turismo e mais jantares... De congresso pouco fica, ou mesmo nada. Missão cumprida! Agradados os prescritores, espera-se que o retorno seja suficiente e pensa-se já na próxima acção.

- Quem quer ou precisa de se deslocar a eventos internacionais para expor os seus trabalhos está, geralmente, fora deste circuito. E, quando não está, vai ter de «confessar» este financiamento aos restantes congressistas.

Ora, fruto do trabalho e boa gestão das diversas direcções anteriores da APU e

das suas boas e saudáveis relações com a mesma indústria, a Associação está «bem de finanças». Rara afirmação nos tempos que correm.

Pensamos, muitos de nós, que urge pôr a graça económica da Associação ao serviço do bem comum (urológico) e, principalmente, dos mais «desfavorecidos».

Diversos modelos foram já desenhados. Todos tendentes a proporcionar a facilitação na execução e apresentação dos seus trabalhos. Vejamos este formato mais simples: o interno ou urologista pretende apresentar um trabalho num congresso idóneo (AUA, EAU, ICS e pouco mais); submete este projecto à APU, que trata de financiar a deslocação e inscrição nesse congresso (pelo menos), bastando para tal o interessado mostrar que o seu trabalho foi aceite pelo evento. Algumas despesas, como o alojamento ou as refeições, podem ficar a cargo do próprio. Por que não? Se quiser ir para um hotel de 5 estrelas, paga e vai!

Teremos todo o gosto em noticiar neste jornal o maior número de participações apoiadas por nós! Há aqui uma contrapartida para a APU, é claro: essa apresentação reverte para a *Acta Urológica*, sob a forma escrita. Assim, ganham os urologistas, ganha a APU, ganha a indústria e ganha a imagem dos médicos em verdade, seriedade e avanço científico.

Ponto 2: As relações da Urologia com a Sociedade pagadora dos custos da saúde

Desde há muito que sentimos a necessidade de discutirmos uma certa relação perversa com a sociedade responsável pelo financiamento dos cuidados de saúde. Esta é composta por variados actores, desde as companhias de seguros, as mutualidades, a banca e o Estado.

Custeia-se uma relação íntima entre um doente e o seu médico. Há intermediários inevitáveis, como as instituições de cuidados e os seus financiadores. Pode até ser a mesma pessoa, no caso estatal ou nos hospitais das seguradoras, mas, habitualmente, há dois intervenientes: a clínica e o seguro. Estes discutem, à mesma mesa, as condições da transacção entre as outras duas partes integrantes (médico e doente) e sem as quais não existe sequer a Medicina. Estranhamente, estas duas partes integrantes são as que não se sentam nessa mesa.

Em período de esmagamento de preços, de competitividade agressiva, de optimização de ganhos, os interesses dos ausentes (o médico e o doente) são contraídos. O doente tem de aceitar as condições ou paga tudo ele próprio, o médico tem de aceitar as condições ou não trabalha! Simbiose viciosa!

Desde há muito que procuramos uma organização profissional que cuide da justeza destas relações. Cabe uma pequena parcela à Ordem dos Médicos? Talvez! Outra aos Sindicatos? Talvez não! Outra ainda às associações científicas como a nossa? Depende dos estatutos! Precisamos de um fórum de discussão? Em que âmbito? Onde? Convocado por quem?

Mesmo que não haja lugar a algum papel por parte da Associação Portuguesa de Urologia em promover tal concílio, podemos aproveitar as nossas reuniões plenárias (simpósios e congressos) para congregar a massa de urologistas.

Esta preocupação é horizontal a outras especialidades. Vamos saber o que já conseguiram e que vias perseguem. Sei que alguns de vós podem ser mentores destes movimentos. Este jornal está à vossa disposição! ■



Congresso da APNUG registou recorde de participação

Uma afluência de quase 300 congressistas, numa reunião que contou com a apresentação de cerca de 150 trabalhos de qualidade. Assim se resume o sucesso do VII Congresso da Associação Portuguesa de Neuro-Urologia e Uroginecologia, decorrido em Novembro. Eis o rescaldo do encontro.

A COMISSÃO ORGANIZADORA (da esq. para a dta.): Paulo Dinis, Maria da Paz Carvalho, Ana Formiga, Filipa Faria, Luís Abranches Monteiro e Isabel Pereira

Texto de Ana João Fernandes

«FOI UMA AGRADÁVEL SURPRESA verificar que tivemos o número recorde de 273 inscritos, mais do que o previsto, e que os congressistas participaram de forma muito activa», congratula-se Paulo Dinis, presidente da Associação Portuguesa de Neuro-urologia e Uroginecologia (APNUG), a propósito do último encontro da Associação, que decorreu nos passados dias 5 e 6 de Novembro. Na sua perspectiva, esses foram «sinais claros do interesse pelos assuntos abordados», congregados no tema genérico «Desafios do Pavimento Pélvico».

O secretário-geral da Associação Portuguesa de Urologia e vice-presidente da APNUG, Luís Abranches Monteiro, tem a mesma opinião, salientando, contudo, que, para além do interesse das temáticas, o sucesso do VII Congresso da APNUG pode também ser explicado pelo facto de que «os médicos de uma determinada especialidade estão muito interessados em saber a(s) perspectiva(s) das outras».

Esta será uma verdade para os urologistas, fisiatras, ginecologistas e cirurgias gerais – principais integrantes da APNUG –, mas também para os clínicos gerais, que estiveram igualmente representados no Congresso. Abranches Monteiro destaca «o papel preponderante» que a Medicina Geral e Familiar (MGF) teve no Congresso, contrariando um pouco o que vinha a acontecer nas edições anteriores. Explicitando que houve «cerca de 30 inscrições da MGF», Paulo Dinis afirma que os médicos de família «hão-de ser o núcleo duro ao nível dos cuidados de saúde primários, num trabalho integrado e multidisciplinar, para servir melhor os doentes.»



O presidente da APNUG menciona que a Medicina Geral e Familiar foi a única especialidade que não apresentou trabalhos durante o Congresso. «No entanto, vamos esforçar-nos para que, ainda durante este mandato, se contrarie essa realidade», afirma.

De referir que o VII Congresso contou com cerca de 150 trabalhos apresentados, «com um elevado nível científico». «A qualidade dos trabalhos é uma das características do Congresso, que também aposta forte na formação. É um aspecto muito importante, porque é com os

jovens que é possível avançar», sublinha Paulo Dinis.

Defendendo que «a fórmula de sucesso» do Congresso da APNUG reside em «apresentações sucintas e pragmáticas», Luís Abranches Monteiro afirma que isso «motiva as pessoas». Paulo Dinis partilha da mesma opinião: «Julgo que a assistência aperfeiçoou os seus conhecimentos clínicos e científicos. Alguns dos participantes também melhoraram aspectos relacionados com a sua prática diária, o que, no fundo, é a razão de existir da nossa Associação.» ■

Próximo Congresso dedicado à Neuro-urologia

Luís Abranches Monteiro adianta que o próximo Congresso da APNUG «não vai ter um formato tão intenso» quanto o deste ano. Isto porque Portugal acolhe o Congresso da International Urogynecological Association, de 28 de Junho a 2 de Julho de 2011, no próximo ano. Assim, a APNUG vai canalizar os seus esforços para o Congresso de 2012. «Estamos a pensar dedicá-lo, fundamentalmente, às doenças inflamatórias da bexiga e às doenças neuro-urológicas», adianta o vice-presidente da APNUG. «Os últimos anos foram mais dedicados à Uroginecologia, pelo que faz sentido insistir agora mais na Neuro-urologia», explica Abranches Monteiro.



A stylized white outline of a Christmas tree is centered in the upper half of the image. The background is a dark blue gradient with numerous small white stars and larger, out-of-focus circular bokeh lights in shades of blue and purple. The text is positioned in the lower half, centered horizontally.

**A Direcção da
Associação Portuguesa
de Urologia deseja-lhe
um Feliz Natal e um
2011 repleto de sucesso
pessoal e profissional**